



ENTRE VIOLÊNCIA E OBJETIFICAÇÃO: O CORPO FEMININO EM “A QUADRILHA DE JACOB PATACHO”, DE INGLÊS DE SOUSA

BETWEEN VIOLENCE AND OBJECTIFICATION: THE FEMALE BODY IN "JACOB PATACHO'S GANG" BY INGLÊS DE SOUSA

DOI: 10.5281/zenodo.19378921



Maria da Luz Lima Sales¹

Layla Siqueira de Melo²

RESUMO

Este trabalho analisa a representação da violência contra as mulheres no conto “A quadrilha de Jacob Patacho”, de Inglês de Sousa, considerando o contexto contemporâneo de aumento dos casos de brutalidade cometidos por homens contra elas. O estudo tem como objetivo investigar os mecanismos que contribuem para a objetificação do corpo feminino, tornando-o usável e descartável. Metodologicamente, trata-se de uma análise literária de caráter crítico, fundamentada principalmente em Silvia Federici (2017), além de contribuições de bell hooks (2020), Byung-Chul Han (2017) e dos historiadores Domingos Raiol (1865) e Pasquale Di Paolo (1990). O estudo articula elementos históricos e culturais, incluindo referências à Antiguidade, para compreender a construção social da figura feminina. Como resultado, observa-se que a narrativa evidencia a persistência histórica da violência de gênero, especialmente em situações-limite, nas quais as mulheres são submetidas a processos de desumanização e vulnerabilidade.

Palavras-chave: Inglês de Sousa. Conto brasileiro. Representação feminina. Violência. Corpo feminino.

ABSTRACT

This study analyzes the representation of violence against women in the short story “A quadrilha de Jacob Patacho” by Inglês de Sousa, considering the contemporary context of increasing cases of brutality committed by men against them. The aim of this study is to investigate the mechanisms that

1 Doutora em Ciências da Educação pela Uevora. Professora titular no Instituto Federal do Pará.

2 Graduada em Licenciatura em Letras pelo Instituto Federal do Pará.





contribute to the objectification of the female body, rendering it usable and disposable. Methodologically, this is a critical literary analysis primarily grounded in Silvia Federici (2017), as well as in contributions by bell hooks (2020), Byung-Chul Han (2017), and the historians Domingos Raiol (1865) and Pasquale Di Paolo (1990). The study articulates historical and cultural elements, including references to Antiquity, in order to understand the social construction of the female figure. As a result, it is observed that the narrative highlights the historical persistence of gender-based violence, especially in extreme situations in which women are subjected to processes of dehumanization and vulnerability.

Keywords: inglês de sousa. Brazilian short story. Female representation. Violence. Female body.

1. INTRODUÇÃO

A violência perpetrada contra o gênero feminino constitui uma realidade que se revela desde os tempos mais antigos, uma vez que as mulheres continuamente foram vistas como inferiores aos homens, haja vista o patriarcado que nunca se desfez nas sociedades de modo geral, bem como as relações desiguais em termos de direitos humanos. As narrativas desde a Antiguidade o provam e embora tratando-se de ficção, sabe-se que a literatura se inspira sobretudo na realidade, refletindo-a e/ou inspirando-a. A hostilidade com a qual as mulheres são tratadas hodiernamente se amplia, o número de feminicídio idem, tornando-se preocupante a ponto de haverem hoje muitas delas que não desejam mais se casar ou ter filhos (BARBOSA, ROCHA-COUTINHO, 2012; CLEMENTINO, 2021; HIDASI, GONZAGA, 2022; FONTOURA *et al.*, 2024).

Tal tendência constitui uma realidade não só no Brasil, mas também na Europa, segundo as revistas Exame (2017)³ e Planeta (2025)⁴ respectivamente e em outros países e ainda na África, como “Níger, Somália, Mali, República Centro Africano, Iêmen e na República Democrática do Congo”, é árduo nascer-se mulher (Woking, Reino Unido: Plan Interbacional, 2016, p. 33). Se essa propensão se perlongar, no futuro, a humanidade se

3No site: <https://exame.com/mundo/mulheres-tem-cada-vez-menos-filhos-na-europa/>, visto em 19/01/2026.

4No site: <https://revistaplaneta.com.br/por-que-nascem-cada-vez-menos-criancas-na-alemanha>, “Por que nascem cada vez menos crianças na Alemanha”, visto em 19/01/2026.





extinguirá, levando em consideração que a violência contra as mulheres tende a se intensificar no mundo, o que faz com que estas se afastem cada vez mais dos homens por temê-los.

No conto “A quadrilha de Jacó Patacho”, escrito em 1893 por Inglês de Sousa e pertencente à coletânea *Contos Amazônicos* (SOUSA, 2005), a personagem Anica – jovem filha de Félix Salvaterra, português com fama de abastado, e de Maria dos Prazeres, junto com os dois irmãos – vive em um sítio ermo nos confins da Amazônia em época da Cabanagem, movimento que fez explodir todos os tipos de violência, inclusive da forma mais cruel contra o gênero feminino. Mesmo tratando-se de mulher em uma época nada propícia a elas, essa personagem apresenta relevância na narrativa, visto que os acontecimentos giram todos em torno dela, do início ao fim da narrativa, além de ela se mostrar mais esperta que os demais frente aos perigos iminentes, percebendo-os de antemão, enquanto seus familiares se delongam a fim de tomar iniciativas e protegê-los.

Este artigo pretende refletir acerca dos atos truculentos aplicados contra a mulher – sucedidos no conto – e também colaborar para a reflexão de tal problemática, algo que vem aumentando nos últimos anos, segundo o Atlas da Violência, precisamente o capítulo sobre a Violência contra as mulheres (Cerqueira *et al.*, 2025), de uma forma inaceitável. A metodologia utilizada recorreu à análise literária de caráter crítico, baseada sobretudo em Silvia Federici (2017), além de contribuições de bell hooks (2020), Byung-Chul Han (2017) e dos historiadores Domingos Raiol (1865) e Pasquale Di Paolo (1990), uma vez que esses teóricos e historiadores esclarecem acerca do tema. As personagens femininas do conto inglesiano sofrem abusos por se tratar de seres que não têm como se defender frente ao mais forte. Esse tipo de brutalidade acontece desde a Antiguidade, registrada inclusive em obras literárias clássicas – mas também na vida real –, se estendendo até os dias atuais.

2. O CORPO-OBJETO FEMININO DESDE OS PRIMÓRDIOS DA LITERATURA E NO CONTO DE SOUSA





Sabemos que o conto está ambientado no contexto histórico da Pré-Cabanagem, e Raiol (1865) explica que, naquela época, os ânimos estavam aquecidos com a represália do governo. Marinheiros portugueses sob o comando do oficial inglês Greenfeell promoveram um dos massacres mais sangrentos do estado do Pará. Nessa tragédia, 256 paraenses, lutando contra a exploração, a discriminação e a escravidão, foram lançados dentro do porão do Brigue Palhaço, torturados pelo espaço exíguo, falta de água e oxigênio, morrendo cruelmente com cal sendo jogado sobre seus corpos.

Batista Campos, o cônego que lutava em defesa dos cabanos, havia sido repetidamente preso e depois, escondido nas matas do entorno de Belém, acaba por morrer. Esses dois fatos e todo o descontentamento popular evidenciaram um cenário anárquico na cidade de Belém, em que ocorriam "arrombamentos de casas, assassinatos de portugueses, saques, de todas as espécies e desregramento sociais [...]" (MONTEIRO, 2005, p. 102), colaborando para um clima de terror.

Em “A quadrilha de Jacó Patacho”, Inglês de Sousa (2005) apresenta dois planos temporais, desenvolvidos como: o inicial, que traz as personagens em luta feroz contra os bandidos na casa da família protagonista, local da narrativa, em um clima de terror que vai aumentando ao longo do texto até chegar ao clímax, momentos de maior violência. O segundo, que conclui o conto, apresenta o destino infeliz das mulheres da trama, sobretudo a Anica. A primeira parte conta a história em si, desde antes do aparecimento do famoso bando de Patacho no lar de Félix Salvaterra, de *sora* (abreviatura arcaica de senhora) Maria dos Prazeres (a mãe), a filha Anica e seus dois irmãos, que não apresentam nome.

Todas essas personagens acolhem a súcia, sem suspeitar de que se trata dos malfeitores que assombram os rincões da Amazônia. Parte da família barbaramente é assassinada – os homens da casa –, enquanto as mulheres, são levadas como escravas pelo tenente de Jacó Patacho, Saraiva – o homem do nariz bexiguento – e o restante da corja que sobreviveu na contenda. Contempla-se, assim, o caráter naturalista-realista do conto, que Inglês de Sousa apresenta com riqueza de detalhes a violência e a criminalidade presentes nos atos do bando.



A outra parte e última é o desenlace da diegese, contada por um narrador de primeira pessoa – que só aparece ao final, como se tivesse ouvido a trama de populares –, que vê a casa abandonada do senhor Salvaterra, ou o que restou dela, em estado de destruição, não muito tempo após ter sofrido a série de crimes que abateram pai e dois filhos homens, enquanto que mãe e filha desaparecem, arrastadas pela quadrilha. Elas têm o mesmo destino que se esperava das mulheres que, desde a Antiguidade, eram divididas como espólios de guerra, tratadas como troféus.

Já no canto I da *Ilíada*, obra atribuída a Homero (2020), conta-se, através da voz do narrador épico, sobre Criseida e Briseida, duas jovens que se tornam legados de guerra, ou seja, sofrem violência moral: os heróis Agamêmnon e Aquiles, respectivamente, ficam cada um com uma delas como láurea. As moças são o objeto, a causa do conflito inicial da epopeia que gera a cólera de Aquiles, o leitmotiv da *Ilíada*. Uma vez que o pai da primeira (Crises) não aceita que a filha se torne escrava do rei atrida, que deseja então ficar com Briseida, a qual deveria pertencer ao Peleida. O rei Agamêmnon faz questão de cobrar seu bônus: “Contudo exijo um outro prêmio para mim, / que é inaceitável eu tão só ficar sem nada.” (2020, p. 21). Aquiles, no entanto, fica furioso por perder sua *honra*, que, para os gregos antigos, significava justiça por ter lutado e vencido batalhas.

Na Idade Média, *As mil e uma noites* (2001, p. 103) é outra narrativa que chama a atenção por colocar a mulher em papel igualmente reificado, uma vez que Sherazade sempre está “à mercê da vontade do sultão”, seu marido, que intenta assassiná-la na manhã posterior após o casamento dos dois, só não ocorrendo o crime porque ela lhe conta histórias infundáveis, uma emendando a outra, de forma que o distraia durante centenas de noites. A história e muitas outras, elaboradas pela protagonista com tal destreza para adiar sua morte (que o entretém longos anos), conseguindo, enfim, dele a cura do horror que ele nutre contra as mulheres. Para um esposo que estava doente de ódio, o que fazer para aplacá-lo? Chahriar era seu nome e fora traído por uma de suas esposas, a quem muito amava e, então, “persuadido de que não existia mulher recatada [...] resolveu desposar uma por noite, e ordenar que a estrangulassem no dia seguinte” (GALLAND, 2001, p. 37).



O artifício de Sherazade em contar histórias, adiando, assim, sua morte, aparece diversas vezes nas Mil e uma noites e essas histórias não só divertem, como também encantam, fazendo com que o desejo de matar as mulheres, a misoginia, o ódio contra elas se desvança. Não se trata de uma tarefa fácil, mas constitui um dos objetivos deste artigo – refletir sobre a violência contra elas –, embora tal empreendimento seja quase inexecutável em uma sociedade com pensamento tão colonizado e profundamente arraigada às ideias patriarcais que a formaram e que ainda vigoram.

As histórias que compõem a coletânea citada acima, anônimas por se inspirarem em outras mais antigas tais como Calila e Dimna, que “coincidem com motivos idênticos a certos contos de *As mil e uma noites*” (COELHO, 2010, p. 8), apresentam inúmeros relatos de que as mulheres sejam consideradas inferiores aos homens, como no trecho que se segue acerca do dote que se dava ao noivo pelo pai da noiva: “Sendo o homem mais nobre que a mulher” (GALLAND, 2001, p. 266), ou que elas se sujeitam à soberania masculina, embora não lhes houvesse outra saída. Nessa obra medieval, encontram-se inúmeros exemplos de misoginia, de casos em que a mulher sofre abusos e até feminicídios como o do gênio que, por ciúme da mulher que era sua amante, corta-lhe a mão e a deixa sangrar até a morte, alegando: “Eis aí como tratam os gênios as mulheres suspeitas de infidelidade” (*Op. cit.*, 2001, p. 147). Tais narrativas colaboram para que o ódio à mulher se fortaleça ao longo dos tempos e se instale nas mentes de homens e até nas de mulheres.

Logo no início da narrativa em estudo, após citar os pais de Anica, apresenta-se ela, que enfia contas para fazer pulseiras (SOUZA, 2005), tarefa feminina, assim como a de sua mãe, que costurava meias velhas. A primeira fala é da personagem moça, preocupada com o ruído forte que vem do rio, a se aproximar de sua casa, cisma que, depois, mostra-se procedente. A mãe dela também teme o barulho estranho e retruca que “A estas horas [...] não pode ser gente de bem” (*Op. cit.*, 2005, p. 102). O receio das mulheres não coincide com o do marido de *sora*, Salvaterra, e ele as apazigua, embora elas continuem apreensivas por causa dos rumores acerca da quadrilha de Patacho nas cercanias. Sobre este, o historiador Figueiredo comunica:



Segundo Henrique Jorge Hurley, historiador e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP) na década de 1930, Jacob Patacho (Jacob Pedro Borges), foi um soldado desertor das tropas 'legais' que, no início da década de 1830, se uniu a outro soldado desertor chamado Saraiva e formou um bando 'marginal' composto por índios e caboclos. Hábeis no comando de canoas, botes e montarias, o grupo de malfeitores passou a atuar nos rios e igarapés localizados no interior do Pará, cometendo os mais diversos crimes. (2022, p.177)

Félix Salvaterra, parecia não se importar com rumores sobre esse homem, no entanto "muito se falava então nas façanhas de Jacó Patacho; nos assassinatos [...] incêndios de casas" (SOUSA, 2005, p.102 e 103). E Salvaterra, sendo rico e português, vivendo com sua família em um sítio isolado na beira do rio Tapajós, recebe homens que chegam à sua casa de noite, mas não percebe o perigo: "O principal alvo dos cabanos eram os brancos, especialmente os portugueses mais abastados" (RICCI, 2007, p.13).

Um desses homens, muito grosseiro, com “olhar de lascívia torpe que dirigia à Anica, quando julgava que não o viam”, embora parecesse “a criatura mais inofensiva deste mundo” (SOUSA, 2005, p. 104), na verdade, tratava-se de Saraiva, membro da quadrilha. Dividindo-se, uns entraram pedindo pouso à família do rico português, enquanto os outros aguardavam fora, escondidos a fim de atacá-los mais tarde, durante o sono de quem os abrigou. Um declara que irá dormir no lado exterior da casa e, supostamente irá avisar, no momento certo, que os demais podem seguir com o macabro plano.

Quanto à Anica, ela tem dificuldade de dormir, mesmo após suas orações. Lembra-se das palavras da mãe havia pouco, das histórias de “donzelas raptadas para saciar as paixões dos tapuios” (SOUSA, 2005, p. 106) e outras cada uma mais horrível que a outra. As feições do homem que se mostrava pacífico a roncar no compartimento contíguo, de cara bexigosa, importunavam-lhe o sono e ela tinha a impressão de que já o tinha visto. Não saía de sua mente essa face, até que finalmente vem o estalo: “Sim, era aquele mesmo; não era a primeira vez que via aquele nariz roído de bexigas, aquela boca imunda e servil [...] sobretudo aquele olhar indigno, desaforado, torpe que a incomodava tanto na sala” (*Op. cit.*, 2005, p. 106).

Era Manoel Saraiva, o tenente do bando de Jacó Patacho, e Anica horroriza-se com a lembrança e com o perigo iminente em sua casa, devido ao “bárbaro violador de virgens





indefesas” (SOUSA, 2005, p. 107). Somente ela sabe da triste realidade que assola sua família, e paralisada de terror pensa em “Saltar pela janela e fugir [mas] seria abandonar seus pais e irmãos, cuja existência preciosa seria cortada pelo punhal dos sicários de Patacho durante o sono” (*Op. cit.*, 2005, p. 109).

Essas cenas mostram o heroísmo, a inteligência e a nobreza de caráter da personagem que não sabe o que fazer para ajudar a família em momento tão trágico. Fica indecisa a olhar as árvores do porto, em que os bandidos se abrigam e toma uma decisão, reunindo as forças que lhe restam: “fechou rapidamente a janela e gritou com todo o vigor dos seus pulmões juvenis: – Aqui d’el-rei! Os de Jacó Patacho!” (SOUSA, 2005, p. 109). Atitude corajosa em uma situação cuja saída jamais lhes seria favorável.

Após o grito, Anica é agarrada e um “asqueroso beijo, mordedura de réptil” (SOUSA, 2005, p. 110) cala-a e não a deixa fugir. O bandido entrou no quarto dela sem que se apercebesse. Era o tapuio que tentava beijá-la à força enquanto a derrubava ao chão em uma luta feroz. A cena a seguir descreve os detalhes da violência contra a protagonista:

Mas a rapariga segurava-se ao pescoço do homem com as mãos crispadas pelo esforço espantoso do pudor e do asco, e o tapuio, que julgara fácil a vitória, e tinha as mãos ocupadas em apertar-lhe a cintura em um círculo de ferro, sentiu faltar-lhe o ar, oprimido pelos desejos brutais que tanto o afogavam quanto a pressão dos dedos nervosos e afilados da vítima. (SOUSA, 2005, p. 110)

Somente após Anica gritar duas vezes e o tenente ter ido avisar os capangas, que o pai e os irmãos apareceram para defender a moça e a casa, enquanto as mulheres choravam abraçadas. Pai e irmãos de Anica são brutalmente assassinados e mutilados de forma selvagem (SOUSA, 2005). Raiol oferece um relato histórico de momentos como esse durante a pré-Cabanagem:

Não havia pois razão nem fim político que autorizasse os atos criminosos que perpetraram a sangue frio, saqueando casas, desrespeitando famílias, assassinando pessoas inermes e inofensivas, muitas das quais, de joelhos e mãos postas, abraçadas com imagens sagradas, imploraram inutilmente piedade, sem comover os seus bárbaros algozes! (RAIOL, 1970, p. 806)



Inútil chorar, Anica e a mãe foram presas fáceis contra homens armados de facões e cacetes de maçaranduba, madeira forte da Amazônia. Seu destino é o pior possível: enquanto jovens, são obrigadas a servir – em todos os sentidos – os integrantes do bando de malfeitores de Jacó Patacho. Quando perdem a força, beleza e juventude, no conto, transformam-se em lavadeiras de roupa para não morrerem de fome.

A narrativa se Sousa se encerra com o narrador já em outro tempo afirmando que “A sora Maria dos Prazeres e a Anica haviam sido levadas pelos bandidos, [...] A Anica tocara em partilha a Jacó Patacho” (SOUSA, 2005, p. 113), além de esse tipo de tragédia ser comum naquele tempo de Cabanagem: Anica fora dada em prêmio ao chefe do bando (e agora já está velha), não se revelando nada mais de sua mãe, certamente pela idade. A protagonista, conclui o narrador, estremecia de terror quando relatava as aflições por que passara, bem como sobre sua vida de tormentos.

3. FEDERICI E O ESTUPRO LEGALIZADO E COMO ARMA DE GUERRA

Para entender a situação das mulheres, alguns fatos históricos são essenciais para serem revistos, e de como elas sempre foram vistas como inferiores aos homens no decorrer das eras. Em um contexto longínquo, na Baixa Idade Média, a Peste Negra, com auge nos anos de 1347 a 1353, devastou a comunidade europeia, e cerca de 40% da população desapareceu vítima da doença (MARTINO, 2026). Tal “colapso demográfico sem precedentes [...] mudou profundamente a vida social e política da Europa, praticamente inaugurando uma nova era” (FEDERICI, 2017, p. 96). Com uma parte significativa da população dizimada, houve, então, o problema da oferta de pouquíssima mão-de-obra, inúmeras herdades sem donos, e aqueles trabalhadores que restaram podiam escolher novas terras para se fixar, uma vez que os proprietários haviam morrido.

As ameaças dos senhores feudais, nesse sentido, já não tinham mais efeito e a procura por trabalhadores que aceitassem serviço em terras dos proprietários começou por valorizar a mão-de-obra trabalhadora. Tanto homens como mulheres só aceitavam trabalho mediante





pagamento digno ou superfaturado e “um sintoma deste novo processo foi o aumento das greves de inquilinos, reforçadas pelas ameaças de êxodo em massa para outras terras ou para a cidade” (FEDERICI, 2017, p. 97). Muitas foram as insurreições dos trabalhadores camponeses nessa época, assim como as tentativas de contravenção aos movimentos, sem grande sucesso, entretanto esse foi um tempo único para a população trabalhadora, conforme se vê no excerto:

Para o proletário europeu, isso significou não só a conquista de um nível de vida que não foi igualado até o século XIX, mas também o desaparecimento da servidão. No fim do século XIV, as amarras entre os servos e a terra havia praticamente desaparecido (Marx, 1909, t. I, p. 788). Por todas as partes, os servos eram substituídos por camponeses livres [...] que só aceitavam trabalhar em troca de uma recompensa substancial (FEDERICI, 2017, p. 102).

Ainda com relação ao que expôs em seu livro, o qual elucida a cerca de assuntos importantes sobre o tema estudado, Federici (2017) revela que, na questão trabalhista para homens e mulheres, a diferença de salários havia diminuído bastante, e elas, por causa da grande demanda desse contexto, eram vistas como iguais na força de trabalho. Dessa maneira, com inúmeros levantes revolucionários a ocorrer, bem como com a ascensão dos camponeses, antigos servos tornando-se senhores; as autoridades arquitetaram um plano ardiloso para frear os avanços dessa classe, focando nos trabalhadores jovens que constantemente se rebelavam e promoviam levantes.

Um plano tramado em relação à política sexual a fim de desvirtuar o ardor político dos jovens mais revolucionários visava dar “acesso a sexo gratuito [...] autoridades municipais praticamente descriminalizaram o estupro nos casos em que as vítimas eram mulheres de classe baixa” (FEDERICI, 2017, p. 103). A violência sexual ocorria de forma coletiva nas ruas, em público e a céu aberto ou dentro das casas invadidas das mulheres operárias, praticada por grupos de homens que, amparados pelas autoridades, sequer tentavam esconder seus atos.

Por conseguinte, para as moças, após sofrerem violação sexual, era difícil reverter seu papel social, sendo elas obrigadas a deixar sua cidade e recorrer à prostituição para sobreviverem. Essa legalização do estupro criou um clima intensamente misógino, que





degradou todas as mulheres, qualquer que fosse sua classe social. Nesse novo cenário, qualquer mulher se encontrava em perigo iminente, pois ampla era a ideia de que elas precisavam conceber crianças, de preferência em grande quantidade, para resolver a imensa perda populacional gerada pela Peste (FEDERICI, 2017).

Tratava-se de uma ideia perfeita de justificativa dos estupros de mulheres. Não demorou muito para que algumas delas encontrassem formas de viver nesse novo modelo de sociedade. As que eram lançadas na prostituição, as que sofreram com a violência sexual, e mesmo as casadas – que não estavam livres da possibilidade de estupro – descobriram as práticas contraceptivas. Mulheres que viam nas ervas medicinais ou em outras substâncias maneiras de não gerar filhos eram acusadas de bruxaria e/ou de perversão sexual, além de infanticídio, segundo Federici (2017).

A ideia de que a mulher como segunda na raça humana a nascer, submissa ao homem, aquela que conversou com o próprio demônio em forma de cobra no Éden, segundo a narrativa bíblica e muito divulgada na Idade Média, e que deu ouvido às palavras da serpente enganadora, fazia dela a grande responsável pela entrada do pecado no mundo. Agregando a essa concepção, a escritora estadunidense bell hooks (2020), ao escrever sobre as mulheres negras em sua obra *E eu não sou uma mulher*, comenta:

Como a mulher foi designada como a causadora do pecado original, as mulheres negras eram naturalmente vistas como a personificação da maldade e da luxúria sexual. Elas foram rotuladas de Jezebeis, sedutoras sexuais e acusadas de levar os homens brancos para longe da sua pureza espiritual em direção ao pecado. (HOOKS, 2020, p. 25)

E tais acusações foram amplamente difundidas quando, na bula do papa Inocêncio VIII de 1484, encontrava-se referência às mulheres/bruxas, como se percebe no trecho: “[...] de seus encantamentos, feitiços, conjurações, além de outras superstições execráveis e sortilégios, atrocidades e ofensas horrendas, [elas] destroem as crias das mulheres” (KORS; PETERS, 1972, p. 107 *apud* FEDERICI, 2017, p. 324), impedindo-as de conceberem. Essas ideias são corroboradas por Mary Del Priore (2004), quando conta da mentalidade misógina daquele tempo e relata um escrito de demonologia, de autoria de Heinrich Kramer e Jakob





Sprenger em 1486, que avalia a mulher como mal formada, já que ela teria sido feita de uma costela recurva do homem, antônimo da retidão natural do macho, e por causa dessa falha, a mulher seria um “animal imperfeito”, decepcionante e dada a atos obscuros e endemoniados como a bruxaria (*Op. cit.*, 2004, p. 38).

O período de caça às bruxas se deu entre os séculos XV e XVIII, sendo um dos movimentos de perseguição, com torturas e mortes, a maioria de mulheres. Atitude corajosa em uma situação cuja saída jamais lhes seria favorável. Nesse tempo das grandes navegações, os colonizadores viam os nativos das terras conquistadas como adoradores do diabo, canibais e carentes de conversão divina, que só os conquistadores poderiam oferecer. Desse modo, Federici ainda escreve:

[...] tal alegação eliminou aos olhos do mundo, e possivelmente dos próprios colonizadores, qualquer sanção contra as atrocidades que pudessem cometer contra os índios, [...] o tronco, a prisão, a tortura, o estupro e ocasionalmente o assassinato se converteram em armas comuns para reforçar a disciplina do trabalho no Novo Mundo. (2017, p. 384).

O estupro como uma das formas violentas de lidar com os nativos, revelava a mentalidade de uma época. Sobre estes, evidenciando o cenário amazônico, reportado por Inglês de Sousa no conto em estudo, um dos primeiros relatos sobre o bioma vem de Francisco Orellana, um dos homens de confiança de Gonzalo Pizarro, governador da província de Quito, atual Equador. Este almejava desbravar terras desconhecidas e que pudesse anexá-las para si, segundo o Tratado de Tordesilhas.

Segundo Chaves e César (2019), Orellana, ao navegar por um rio da região, encontra indígenas guerreiras, com arco e flecha nas mãos, que, supostamente, viveriam em uma sociedade matriarcal harmoniosa, evocando o mito grego das filhas de Ares, que habitavam, somente mulheres, uma ilha. As chamadas amazonas, nome este que o espanhol atribuiu às valentes nativas. No entanto, com a atenção intensificada para as explorações dos povos Maias, Incas e Astecas, os espanhóis deixaram as terras amazônicas nas mãos dos portugueses, que estabeleceram a cidade de Belém em 1616.





Nesse momento histórico, um genocídio foi cometido pelos conquistadores contra o povo nativo da região, pois não consideravam o pertencimento indígena das terras descobertas, olhando-os como bestiais. Nisso ainda mais sofriam as mulheres indígenas, as quais padeciam com as mesmas violências impostas aos homens indígenas, também devendo lidar com estupro recorrentes. Sendo estupradas ou raptadas, elas não tinham como se casar, só lhes restavam a prostituição e tal fato colabora com a fantasia dos europeus, vendo "a América em si [como] uma mulher nua, sensualmente reclinada em sua rede, que convidava o estrangeiro branco a se aproximar" (FEDERICI, 2017, p. 402).

Vários relatos (de extrema violência) que Todorov conta em seu livro *A conquista da América* (2003) são relevantes para ilustrar o que se mostra neste trabalho. Um deles é sobre uma belíssima indígena caribe que, segundo o fidalgo Michele de Cuneo, foi dada a ele pelo Almirante:

[...] tendo-a trazido à cabine, e estando nua, como é costume deles, concebi o desejo de ter prazer. Queria pôr meu desejo em execução, mas ela não quis, e tratou-me de tal modo que eu teria preferido nunca ter começado. Porém, vendo isto [...], peguei uma corda e amarrei-a bem, o que a fez lançar gritos inauditos, tu não terias acreditado em teus ouvidos. Finalmente, chegamos a um tal acordo que posso dizer-te que ela parecia ter sido educada numa escola de prostitutas (TODOROV, 2003, p. 67).

Como deduz Todorov, a seguir em sua obra, após muita violência, a moça teve de ceder para não morrer, mostrando uma expertise própria de uma prostituta. Outros desses relatos são ainda mais atroztes acerca de outra indígena que, tendo se negado a ceder aos desejos de um nobre, por mais que ele fizesse de tudo para violentá-la, não o conseguiu; então ele soltou os cães para devorá-la viva mesmo. Essa história (verdadeira) mostra que o europeu deseja as americanas, mas não leva em conta se ela o deseja. E ao se referir ao colonizador mor da América, o filósofo búlgaro-francês afirmar que "Colombo descobriu a América, mas não os americanos" (TODOROV, 2003, p. 69) e ainda que as mulheres sofrem violência dobrada, concluindo, ao final de seu livro com: "Matar os homens, violentar as mulheres: essas são, simultaneamente, as provas de que um homem detém o poder, e suas recompensas." (*Op. cit.*, 2003, p. 359).



Esse contexto evidenciou a concepção de poder interligado a atos violentos em prol de cumprir a vontade daquele que os concebe, "tanto o poder quanto a violência servem-se de uma técnica de subjugação, de 'dobrar o outro'. O poder faz uso desse expediente até que o outro se submeta; a violência o faz de tal modo que o outro 'quebra'" (Han, 2017, p. 139). Esse pensador destaca a contenção opressora do uso da violência, que faz com que a vítima não consiga agir, limitando sua liberdade a um estágio quase inexistente, e obrigando-a a fazer o que o opressor deseja.

Muitos foram os conflitos que usaram desse preceito para diminuir os desejos do outro e elevar suas ideias e ações. Já na era pós-moderna, países como a antiga Iugoslávia foram palco de conflitos extremamente violentos que perpetuaram o uso de métodos misóginos para alcançar seus objetivos. Esse extinto país, que surgiu em 1918, contava com seis repúblicas ao se tornar socialista: Sérvia, Croácia, Eslovênia, Bósnia e Herzegovina, Montenegro e Macedônia; além das duas províncias autônomas de Kosovo e Voivodina, que estavam dentro território sérvio.

Em 1980, houve um sentimento forte por independência entre essas repúblicas, e muitas queriam se ver livres do controle sérvio e de sua capital Belgrado. A província de Kosovo também almejava liberdade, e entre 1998 a 1999 houve guerra entre os sérvios, a Iugoslávia e o Exército de Libertação do Kosovo. Nesse conflito especificamente, foram relatados casos violentos de estupro como mecanismo de intimidação e limpeza étnica. A Human Rights Watch (2000) evidencia esses casos em relatório detalhado sobre o tema:

Polícia, soldados e paramilitares estupraram mulheres em todo o Kosovo; Os ataques ocorreram em diversas circunstâncias. As circunstâncias mais comuns que emergiram dos depoimentos de vítimas de estupro e violência sexual e dos relatos corroborativos fornecidos por testemunhas oculares foram estupros em casas de mulheres, estupro durante fugas do país e estupro durante detenção. Em um cenário típico, forças governamentais entravam nas casas das mulheres e as estupravam no jardim, em um cômodo ao lado ou na frente de familiares. [...] soldados e paramilitares sérvios separaram mulheres dos homens e mantiveram as mulheres e crianças reféns em escolas e vários prédios abandonados. Durante o período de cativeiro, soldados e paramilitares levaram algumas das mulheres para outros locais para torturá-las sexualmente. (Human Rights Watch, 2000, s/p.)





Nesse cenário, além da intenção de manter o temor e o controle das pessoas em Kosovo, havia a ideia de extinção de um povo, por meio do estupro cometido contra as mulheres; e os sérvios intentavam engravidá-las – para que tivessem filhos de pai estrangeiro. Há relatos de moças kasovares que, estando grávidas de seus maridos, eram brutalmente espancadas pelos inimigos para a perda da criança. A violência do estupro, nesse sentido, constituiu-se em uma arma de guerra amplamente utilizada em conflitos.

Os maridos kosovares eram assassinados e as mulheres, estupradas, assim como o pai, senhor Salvaterra, e os filhos homens, do conto “A quadrilha de Jacob Patacho”. O conceito mais acima abordado por Han, isto é, o método de subjugar e controlar o outro para dele conseguir tudo o que se deseja, pode ser facilmente visualizado quando Anica e sua mãe têm sua liberdade e vida roubadas pelos cabanos, que usam de atos violentos para fazer valer suas vontades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em “A quadrilha de Jacó Patacho”, Inglês de Sousa constrói uma representação da violência que, embora situada no contexto do século XIX, revela-se ainda atual em diferentes espaços sociais. A permanência dessa violência, especialmente contra mulheres, evidencia-se em situações as mais diversas, como os ambientes domésticos, urbanos e mesmo em circunstâncias de vulnerabilidade extrema, como aquelas associadas a conflitos e isolamento.

A análise desenvolvida neste estudo permite compreender como determinados imaginários sociais, aliados a concepções históricas de inferiorização feminina – e resultado do processo de domesticação e colonialismo –, contribuíram sobremaneira para a naturalização da violência de gênero. Tais construções simbólicas, enraizadas ao longo do tempo, participaram da formação de práticas e discursos que continuam a impactar a experiência feminina na contemporaneidade.

Nesse sentido, a literatura mostra-se um campo privilegiado para reflexão e problematização dessas questões, ao evidenciar não apenas a historicidade da violência, mas





ainda os mecanismos que a sustentam, isso podendo ocorrer não só na Amazônia, locus do conto inglesiano, como também em qualquer parte do mundo. Paralelamente, iniciativas legais, políticas e sociais têm buscado dar visibilidade às vozes femininas historicamente silenciadas, tensionando estruturas ainda marcadas por perspectivas patriarcais.

REFERÊNCIAS

AFP. Mulheres têm cada vez menos filhos na Europa. **Exame**, 11 jan. 2017. Disponível em: <https://exame.com/mundo/mulheres-tem-cada-vez-menos-filhos-na-europa/>. Acesso em: 19 jan. 2026.

BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Ser Mulher Hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos. *Psicologia & Sociedade*, 24(3), 577-587, 2012. Disponível em <https://www.scielo.br/j/psoc/a/4gj5xxSFGxWmzmWBq3r534Q/?format=html&lang=pt>. Acesso em 18/01/2026.

BUVINIC, Mayra; LEVINE, Ruth *et al.* **Contar o invisível**: usar dados para transformar a vida de meninas e mulheres até 2030 (Woring, Reino Unid: Plan International, 2016). ISBN 978-1-906273-78-1

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira; *et al.* **Atlas da Violência 2025**: violência contra as mulheres. Brasília: Ipea / Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>. Acesso em 20 de março de 2026.

CHAVES, Fabiana Nogueira; CÉSAR, Maria Rita de Assis. O silenciamento histórico das mulheres da Amazônia Brasileira. *Extraprensa*, v. 12, n. 2, p. 138-156, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/157418>. Acesso em: 13 fev. 2026.

CLEMENTINO, Clícia R. Souza. **Eu não quero ser mãe, assim como muitas mulheres**. Orientador: Prof. Dr. Moisés Alberto Calle Aguirre. Coorientador: Profa. Dra. Gabriela Marise de Oliveira Bonifácio (Dissertação de Mestrado), Centro de Ciências Exatas e da Terra. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2021. Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/items/e383d4b3-7d44-4730-8c54-0ab5d91d99bc>. Acesso em 18/01/2026.





COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil**: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. Barueri, SP: Manole, 2010.

DEUTSCHE WELLE. Por que nascem cada vez menos crianças na Alemanha. **Revista Planeta**, 3 ago. 2025. Disponível em: <https://revistaplaneta.com.br/por-que-nascem-cada-vez-menos-criancas-na-alemanha>. Acesso em: 19 jan. 2026.

DI PAOLO, Pasquale. **Cabanagem, a revolução popular da Amazônia**, 1990, p. 27
FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Medo, honra e marginalidade: imagens de Jacob Patacho na história e literatura do século XIX*. **Topoi (Rio de Janeiro)**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 50, p. 444–466, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/MX5hBrSqkGdQN75MVh3DmxP/>. Acesso em: 20 mar. 2026.

FONTOURA, Daniele; ZANELLO, Valeska; RICHWIN, Iara Flor; PORTO, Madge. O não desejo de maternidade no Brasil: um estudo exploratório. **Gênero**. Niterói. v. 25, n. 1, p. 238-259. 2 sem 2024. Disponível em file:///C:/Users/madal/Downloads/nbarros,+11_O+N%C3%83O+DESEJO+DE+MATERNIDADE+NO+BRASIL-1.pdf. Acesso em 18/01/2026.

GALLAND, Antoine [versão de]. **As mil e uma noites**. Tradução de Alberto Diniz; apresentação de Malba Tahan. Vol. 1. 12. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

HAN, Byung-Chull. **Topologia da violência**. Tradução Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HIDASI, Sarah Zanini; GONZAGA, Ana Terra Sudário. A visão de mulheres que escolhem não ter filhos: um estudo psicossocial. *Psicologia em Ênfase*. Goiânia. v. 2, p. 10-21 Abril/2022. Disponível em <https://ojs.unialfa.com.br/index.php/psicologiaemenfase/article/view/179>. Acesso em 18/01/2026.

HOMERO. **Ilíada**. Edição bilíngue. Tradução, prefácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2020.





HOOKS, bell. **E eu não sou eu uma mulher?**: mulheres negras e feminismo. Tradução de Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. E-book (PDF).

MARTINO, João. **A peste negra**: impactos históricos. São Paulo: Atlas, 2026.

MONTEIRO, Benedicto. **História do Pará**. Belém: Editora Amazônia, 2005.

PRIORE, Mary Del. **A história das mulheres no Brasil**. (org). 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

RAIOL, Domingos Antonio. **Motins Políticos ou historia dos principaes acontecimentos politicos da provincia do Pará desde o anno 1821 até 1835**. Rio de Janeiro: Typographia do Imperial Instituto Artistico, 1865

RAIOL, Domingos Antonio. **Motins políticos ou história dos principaisacontecimentos políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835**. 2ª edição, Belém, Universidade Federal do Pará, 1970, vol. 3, p. 1000 (1ª edição 1865-1891).

RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. Tempo, vol. 11, núm. 22, enero, 2007, pp. 5-30. Universidade Federal Fluminense. Niterói, Brasil.

SOUSA, Inglês de. **Contos Amazônicos**. Belém: EDUFPA, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do ouro. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Recebido em: 21/03/2026

Aprovado em: 26/03/2026

Publicado em: 01/04/2026

